

Dos milagres obrados pela palavra do Pe. Vieira na Ilha de Itaparica... num conto de João Ubaldo Ribeiro

Laura Areias
Brown University, Providence

A leitura do conto “Vavá Paparrão contra Vanderdique Vanderlei” (69-76), de João Ubaldo Ribeiro, editado em Portugal em 1982, com o título *Livro de histórias*, um ano depois da 1ª edição brasileira, deixa perceber, como subtexto, através de várias alusões, os Sermões que o orador jesuíta António Vieira pregou na Bahia, contra os holandeses, na primeira parte do século XVII. Questionando as várias definições de *paródia*, o texto ubaldiano não parece ser nem uma imitação na intenção de ridicularizar o pensamento original, estilo ou atitude de um autor ou Escola, nem impróprios são os temas nele recriados (do Oxford English Dictionary e da Encyclopaedia Britanica). No entanto João Ubaldo usa não só, como *exempla*, os milagres obrados pela palavra do Padre, que provocam miraculosos efeitos nos habitantes da ilha de Itaparica, para enaltecer (ironicamente?), a sua coragem e valentia, sentido de independência, em suma, a sua *Virtus*, como baseia a estrutura do conto na própria estrutura de uma peça da oratória clássica. E faz uso dos mesmos recursos e objetivos com que o pregador usara as Sagradas Escrituras para *descer* a sua palavra, divinamente inspirada, do púlpito até aos fiéis. Decorria o século XVII, tempo em que o Padre Vieira teve intervenção política de relevo, quando esta ilha, do Recôncavo Baiano, se debatia contra os holandeses ocupantes que devastavam as terras ou as cercavam por mar. Mas se Ubaldo Ribeiro homenageia o jesuíta 350 anos depois, se não deixa de mostrar uma *loving appreciation* imprescindível à sua visão satírica do Outro, atitudes contempladas pelas definições da Encyclopaedia Britanica e da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira, de que tipo de paródia então se trata? cômico de situação? de linguagem?

Um sermão, segundo o modelo clássico, é estruturalmente composto de Exórdio ou Intróito, Exortação, Apresentação, Demonstração com *Exempla*, Peroração. No “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda”, pregado na igreja de N. S. da Ajuda, da cidade da Bahia, em 1640 (42-79), depois do Intróito em que privilegia a situação do Reino de Portugal entre todos os reinos do mundo assolados por inimigos da Fé, o jesuíta, comparando explicitamente as situações, toma as palavras do Profeta Rei David (sitiado por Senaqueribe, rei do Assírios). Assim como este, o Rei David, com atrevimento se voltara piedosamente contra

Deus, igualmente, o Padre assume uma atitude quase de acusador e pede-lhe contas por ter sido o seu povo eleito preterido em favor do herege holandês, igualmente sitiante vitorioso: “É possível que se hão-de ocasionar de nossos castigos blasfêmias contra o vosso nome? Que diga o herege, que Deus está holandês?! Oh não permitais tal, por quem sois!” (54) E mais à frente: “Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? ...porque ajudais a eles e nos desfavoreceis a nós? ...a vós que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?” (57) Assim resumem a grandeza e singularidade desta peça os anotadores da edição utilizada, António Sérgio e Hernani Cidade - menos concebida de uma estética barroca que de uma sinceridade mais patriótica (44). Aliás esta intimidade de ilustres e valorosos portugueses com Deus e com santos já era antiga – explicam ainda os críticos que as palavras que Vieira atribui ao rei David, as mesmas que ele próprio dirige a Deus, foram também aquelas com que D. Afonso Henriques se encomendou a Cristo pouco antes da batalha de Ourique. Já noutras palestras ou artigos tenho referido o comércio divino com heróis portugueses e itaparicanos, povo eleito também, pela salvaguarda da Fé e do império cristão. Diria o pregador: “mais por dilatar o vosso nome e a vossa Fé (que era esse o zelo daqueles cristianíssimos reis) que por amplificar e estender seu império” (58). Na história de João Ubaldo há um *importante* intermediário entre Padre Vieira e Santo Antônio, o qual nessa época dava pelo nome de Vavá e era moço de recados da ilha, reencarnando agora, no século XX, em Vavá Paparrão, portanto capaz de contar toda a sua odisséia de outrora, em que o Padre exortava o Santo. Numa prolepse é este *exortado* pelo narrador a comprovar tudo o que se passou. Imitando argumentos e a atitude, tão acusadora como suplicante, do Jesuíta apelando a Deus, João Ubaldo mudando o registro linguístico, fá-lo dirigir-se a Santo Antônio:

Paparrão disse que Padre Vieira botou a imagem do santo na frente de todo o mundo na igreja e deu-lhe um esporro que Paparrão disse que, se fosse Santo Antônio, nunca mais aparecia de cara para cima na Bahia. Está muito certo isto, está muito direito?, perguntou o padre, e o santo calado, que é que ele ia dizer. Bonito papel, falou o padre, nós aqui recebendo porretada, a holandesada tomando quase tudo e cantando de galo, e o senhor fica aí ganhando seu soldo e vela e novena e não sei mais o quê, um luxo verdadeiro, para não fazer nada? Que é que o senhor pensa da vida? (69)

A justa vitória que se seguiu, do povo eleito, explica a raiva secular que inflamará, em fins do século XX, combate verbal partidário em expectativa, na sessão camarária de Itaparica,

entre dois adversários de dois partidos políticos brasileiros, sobre os quais pesava mais essa velha rivalidade de gerações, de holandeses e portugueses, do que a sua atual filiação política divergente. Com este *Intróito*, apresentadas ficaram pelo narrador do conto as circunstâncias do metafórico combate. Temos assim, no texto de João Ubaldo, em dois planos de ação, o combate entre duas facções na Assembleia Municipal e o combate evocado, entre holandeses e portugueses. No passo seguinte temos por alusão o Sermão de Santo Antônio, “Prègado na igreja e dia do mesmo santo, havendo os holandeses levantado o sítio que tinham posto à Baía, assentando os seus quartéis e batarias em frente da mesma igreja”, no ano de 1638. Todo o *Exórdio* se desenvolve no sentido de explicar como e por que o inimigo levantou as armas e a cidade do Salvador foi salva. Começando por apresentar o assunto que vai tratar e, pois que de uma vitória se trata, é a Palas cristã, Nossa Senhora da Vitória, a exortada. Para tal o pregador filiará a sua demonstração no episódio bíblico em que Jerusalém se encontra em situação análoga à da cidade de Salvador, do qual extrai este primeiro conceito predicável: “tomarei debaixo da minha protecção esta cidade [Jerusalém] (diz Deus) para a salvar, e esta mercê lhe farei por amor de Mim e por amor de David, meu servo (Vieira, 4).

Ambos os textos, a peça oratória e a narrativa ubaldiana, como tentei demonstrar, recorrem, à sua maneira cada um, a uma comparação a um outro contexto histórico-político passado e distante: no primeiro o Rei David exorta Deus, no segundo o Padre exorta Santo Antônio; duas são as cidades sitiadas, Jerusalém e a cidade de Salvador da Bahia, dois os sitiantes hereges ou não católicos, assírios e holandeses, dois os combates que se travam: as lutas entre duas frentes, aliados do Império Português, e holandeses – em duas gerações – as quais são comparadas às que opuseram judeus e assírios; dois os povos eleitos de Deus: judeus e portugueses. Os temas recriados estão, pois, longe de ser impróprios. Mas é pela maneira de os recriar que poderemos chegar à compreensão do humor de João Ubaldo. Henri Bergson na obra *Le rire*, define como um dos processos da satirização, a “transposição” de um registro linguístico a outro diferente, isto é, do tom sublime ao tom familiar ou vice-versa. Até mesmo o mais acérrimo e demolidor crítico de António Vieira, Agostinho da Silva, embora o considerasse um dos mais ociosos retóricos que se pode encontrar à flor da terra, sem uma idéia profunda, todo perdido em rebuscamentos e gongorismos; o seu estilo um mar de palavras, um deserto de pensamentos, não consegue contudo negar-lhe a sublimidade ao definir a sua oratória como “a

Fenix Renascida posta em prosa ao divino” (174-75). E quanto mais sublime maior será a queda! No conto “Vavá Paparrão contra Vanderdique Vanderlei” é o próprio narrador que denuncia o processo satírico: “O padre tinha autoridade e o santo tinha de respeitar, quer dizer, não era assim que ele falava, era com boas palavras, mas era a mesma coisa, tanto assim que o santo criou vergonha (...)” (69). E ainda na retórica hipérbolica de Vieira, “a honrada e tão importante vitória” fez trocar “receios em alegria”, “as armas em gala e a guerra em triunfo” e seria levada para a Europa pelas “trombetas mundanas da fama”, “para se fazerem públicas de todo o mundo”; os portugueses são os discípulos de Deus e o inimigo um poderoso exército. O que corresponde em Ubaldo Ribeiro a um rebaixamento: os guerreiros são os itaparicanos “velhos caducos” que sonham acordados, ou não, com as almas de holandeses; as lutas passam-se familiarmente no quarto da avó Emília ou no do velho Conceição e as armas são as fraldas dos lençóis! Esse momento passado é uma evocação não da Bíblia ou das Sagradas Escrituras mas conseguida por obra das prévias encarnações em que os atuais itaparicanos privavam com o Padre, levando recados e “dando porrada até só ter cadáver de alma de holandês espalhado pelo chão” lado a lado com o santo (70). A transposição da palavra erudita e solene do Pregador para o discurso descuidado, familiar, no nível popular de um baiano e eis definida a paródia, segundo Bergson. Os “milagres de urgência” obrados pelo Padre surgem na narrativa num patriotismo ideológica e lingüisticamente sincero, lado a lado com os *exempla* latinos do “Sermão de Santo António” e do “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda”. Milagres que não só transformaram o colonizador em aliado como o conduziram à vitória.

Tentei revelar um dos aspectos do cômico do texto ubaldiano, o nível baixo da linguagem, reforçado pelo fato de se tratar de uma transposição de um registo erudito, que marca o classicismo do texto primeiro. Outro aspecto, o burlesco, revela-se com uma forte carga grotesca, se o associarmos às imagens e cenas rabelaisianas, de Pantagruel e Gargantua do século XVI. Bakhtin dá um exemplo e define as características do cômico burlesco em que se enquadra o texto brasileiro em análise, o qual pode ser visto também sob uma perspectiva grotesca, se tivermos em conta não os mecanismos psicológicos formais da sua percepção mas o seu conteúdo objetivo. Concretizando: o caso de haver no burlesco uma certa dose de malícia e o rebaixamento das coisas elevadas, além de o riso não ser direto pois só conhecendo a obra parodiada se pode apreciar o segundo texto (266). Mas, objetivamente, há também o *destronar* das imagens sublimes do sermão, como atrás ficou esclarecido, “transpondo-as para a esfera material e corporal” sobretudo nas cenas de pancadaria, tanto no século XVII em que “o santo ficava aparando os holandeses de *chutes para o ar*” (70), como no século XX, no quarto do velho Conceição, este de pijama, enfrentando com *as fraldas de lençóis*, um bando de holandeses *fedendo cebola e a couve choca* (itálicos meus que apontam a falta de higiene ou funções fisiológicas claramente subentendidas no discurso do narrador). São também significativas as cenas de confrontos físicos entre os adversários políticos, nas bancadas partidárias da Câmara (72) – em qualquer das cenas o plano “baixo” material e corporal está representado pelos membros e órgãos ou suas funções, nos pontapés, nas fraldas, no mau cheiro que exalam... E termina, não sem, pouco antes, nos ter chocado com a paródia do seu conceito de “verdade histórica”, em tom de exaltação da liberdade, da alma itaparicana, com a peroração, à maneira clássica. “Nós não, nós somos livres” – por oposição a pernambucanos. É um culminar da ironia definida por Linda Hutcheon como sobreposição de contextos semânticos – o que é afirmado / o que é intencionado (74). A luta pela libertação dos holandeses não os livrara de estarem submetidos aos portugueses. No tempo presente da narração, a liberdade do itaparicano, reafirmada nos outros contos do mesmo volume, é apenas ilusória: é a liberdade do ilhéu que olha o mar e sonha...

No prefácio à edição portuguesa que venho referindo, escreve Jorge Amado, em tom encomiástico, que João Ubaldo Ribeiro será sem dúvida um bisneto baiano de Rabelais. Finalmente, provando que o texto narrativo ironiza e parodia de modo familiar, burlesco e grotesco a eloquência oratória de Vieira e as sublimes causas por que se empenhou, procurei justificar o *parentesco* com o pensador humanista francês.